

O ESTÁGIO EM DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: a utilização de um ciclo formativo para a realização de atividades contemplando o tema “sala de aula”

Nara Alinne Nobre-Silva ¹
Evelyn Jeniffer de Lima Toledo ²
Roberto Ribeiro da Silva ³

RESUMO

Apresentamos as atividades de regência realizadas durante o Estágio em Docência, exigido pelos Programas de Pós-Graduação. Considerando a importância da prática reflexiva, propomos a realização da regência com base em um ciclo formativo composto por: 1) Elaboração do plano de trabalho; 2) Desenvolvimento da prática e 3) Reflexão sobre a prática. Na primeira etapa, o tema “história da sala de aula” emergiu como eixo para discutir como as formas de organização e condução do ensino, historicamente, têm se constituído em um espaço disciplinador. Adiante, o desenvolvimento das aulas contou com o uso de texto, trechos de filmes, clipe musical, análise de uma narrativa autobiográfica a partir dos conteúdos estudados e, leitura compartilhada. Em relação ao planejamento e execução da regência, observou-se que a abordagem dos conteúdos em apenas um encontro foi fatigante, a falta de leitura prévia por parte dos alunos limitou a participação dos mesmos, as charges e as questões iniciais incentivaram o envolvimento e, os vídeos contribuíram para resgatar a atenção dos alunos no decorrer das aulas.

Palavras-chave: Estágio em Docência. Sala de aula. Ensino de Química.

INTRODUÇÃO

O Estágio em Docência no ensino superior foi instituído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 1999, por meio do Ofício Circular 18/99/PR/CAPES. O mesmo estabelece que o estágio em docência é parte da formação do pós-graduando, com finalidade de preparar para a docência, sendo obrigatório para todos os bolsistas da CAPES, cujo tempo mínimo exigido para os alunos de doutorado são de dois semestres (CAPES, 1999).

A partir desta regulamentação e das potencialidades do estágio em docência para a formação do pós-graduando, muitos programas têm determinado que o mesmo seja uma disciplina obrigatória, a citar o Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPGEduC) da Universidade de Brasília. O primeiro regulamento do programa previa a

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade de Brasília, DF/ Professora no Instituto Fedal Goiano, nara.silva@ifgoiano.edu.br;

² Doutora em Química (Ênfase em ensino de Química) pela da Universidade de São Paulo- SP/ Professora no Instituto de Química – UnB (Divisão de Ensino), jeniffer.toledo@gmail.com;

³ Professor orientador: Doutor em Química pela Universidade de São Paulo – SP/ Professor no Instituto de Química – UnB (Divisão de Ensino), bobsilva@unb.br.

existência da disciplina “Estágio em Docência I”, a partir de sua reformulação, que data de 2018, foi acrescentada a de “Estágio em Docência II”.

No que tange a essa temática, várias investigações têm sido realizadas no sentido de identificar as implicações do Estágio em Docência ao ensino, de veicular relatos de atividades desenvolvidas e de mapear as produções acerca do mesmo, como por exemplo, Vieira e Maciel (2010), Vieira (2013), Joaquim, Boas e Carrieri (2013) e Hoffmann e Delizoicov (2017).

Conforme apresentado por Vieira e Maciel (2010), em algumas instituições, a disciplina de Estágio em Docência possui uma resolução interna que regulamenta a distribuição da carga horária obrigatória. No entanto, a disciplina prevista pelo PPGEduc não possui uma regulamentação específica e, cada orientador esclarece à seu aluno como o mesmo deverá ocorrer, por exemplo, por meio do acompanhamento de atividades junto ao regente da disciplina, ou pela realização de oficinas em projetos e/ou o planejamento e da execução de atividades de regência.

Nessa conjuntura, consideramos o Estágio em Docência como momento formativo, sendo imprescindível a interação e troca de conhecimentos entre o pós-graduando, o professor orientador e o professor supervisor. Para tanto, defendemos que o mesmo se constitua como espaço para realização de práticas pedagógicas mediadas pela reflexão sobre a prática docente.

Orientados pela prática reflexiva proposta por Schön (2000) propomos um ciclo formativo para o Estágio em Docência a partir de uma adaptação das etapas do planejamento prevista por Sant’Anna et al (1986), que denominamos respectivamente de: a) elaboração do plano de trabalho; b) desenvolvimento da prática e c) reflexão sobre a prática. Ressaltamos que tomamos como planejamento “um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social” (LIBÂNEO, 1994, p.222). Assim, o presente trabalho trata-se das atividades realizadas durante o Estágio em Docência I, junto à disciplina de Didática da Química ofertada pelo curso de Licenciatura em Química da Universidade de Brasília.

A “REFLEXÃO” COMO EIXO NORTEADOR PARA O PLANEJAMENTO DO ESTÁGIO EM DOCÊNCIA

O termo “Reflexão” tem se tornado um espécie de *slogan* nos trabalhos que se referem à formação de professores, perdendo muitas vezes o seu sentido e se tornando um termo vazio. Portanto, esclarecemos que concordamos com a discussão apresentada por Pimenta (2012), de que a expressão professor reflexivo não pode ser confundida com um adjetivo, um atributo do ser humano, mas sim a “um movimento teórico de compreensão do trabalho docente” (p.22).

Ao utilizar o termo, nos referimos a prática docente imbuída de um pensamento crítico, a um profissional ativo na busca de superar os problemas enfrentados em sua prática, que busca o desenvolvimento de pesquisas, o trabalho em grupo, que atue considerando os aspectos sociais, políticos e econômicos do contexto o qual está inserido.

Schön (2000) propõe que a prática reflexiva seja desenvolvida a partir de três eixos: conhecimento na ação, reflexão na ação e reflexão sobre a reflexão na ação. O conhecimento na ação trata-se do conhecimento tácito à atividade profissional, aquele que recorremos para resolver questões rotineiras, sendo revelado por meio de ações espontâneas, são os “tipos de conhecimento que revelamos em nossas ações inteligentes” (p.31). A reflexão na ação ocorre no momento em que durante a prática, surge um situação inesperada e o profissional reflete e age sem interromper sua ação. É um período de tempo que há interferência na ação com ela ainda em desenvolvimento, “nosso pensar serve para dar nova forma ao que estamos fazendo, enquanto ainda o fazemos” (p.32). A reflexão sobre a reflexão na ação é quando o professor analisa seu trabalho, identifica as limitações e propõe modificações em ações futuras, podendo gerar um novo planejamento e a escolha de novas estratégias de ensino. Essa dimensão exige o compartilhamento de uma descrição verbal, portanto, não pode ser contemplada individualmente.

Adiante, consideramos que durante o Estágio em Docência, os eixos propostos por Schön (2000), podem ser vivenciados durante o ciclo formativo adaptado a partir das fases do planejamento propostas Sant’Anna et al (1986):

a) Elaboração do plano de trabalho: é a fase de previsão do trabalho a ser desenvolvido. Primeiramente, o professor deve conhecer a realidade imediata, fazendo uma sondagem para identificar as características da turma, as condições e os problemas da realidade em que vai atuar. Em seguida, é preciso determinar os objetivos, selecionar os conteúdos, os procedimentos de ensino, os recursos didáticos e o procedimento de avaliação (SANT’ANNA et al, 1986). Para atingir com êxito essa etapa, acreditamos que o professor recorre aos saberes adquiridos ao longo de sua formação/atuação para selecionar qual recurso didático utilizar, qual estratégia será mais conveniente, qual instrumento avaliativo será utilizado, entre outros. Podemos inferir, que o professor recorre à um conhecimento já incorporado, que é espontâneo, isto é, ao *conhecimento na ação* (SCHÖN, 2000).

b) Desenvolvimento da prática: é o momento de execução da ação, a fase em que os conteúdos são sistematizados e apropriados. Embora o plano seja uma sistematização, é necessário que o professor seja flexível e realize os ajustes que serão necessários para cumprir seus objetivos e, responder as necessidades dos alunos (SANT’ANNA et al, 1986). Nesta fase o professor poderá

vivenciar desafios e situações inesperadas e, recorrerá à uma *reflexão na ação* para propor um novo caminho, uma solução imediata (SCHÖN, 2000).

c) Reflexão sobre a prática: consiste na avaliação da atividade desenvolvida, com vistas a um replanejamento. Compreende aqui, uma avaliação do plano desenvolvido e não do desempenho dos alunos (SANT'ANNA et al, 1986). Para cumprir essa etapa acreditamos que o professor realiza uma *reflexão sobre a reflexão na ação*, pois é um momento de problematização, de análise, em que são identificadas as limitações (SCHÖN, 2000). Ocorre a busca de novas perspectivas e aportes teóricos que permita repensar o planejamento realizado, possibilitando melhores resultados em uma futura prática.

A SALA DE AULA: Breve contexto histórico

Historicamente podemos citar vários fatores que contribuíram para que a sala de aula e a jornada escolar tenha as características que conhecemos atualmente: cadeiras em filas, professor à frente da sala, ambiente preferencialmente bem iluminado e arejado, horários determinados para entrada-intervalo-saída, exigência de pouca conversa em sala de aula, espaço de recreação e/ou interação entre os alunos. Entre esses fatores podemos indicar: a sistematização do ensino ter surgido junto às igrejas católicas, sendo propagadas por meio do *Ratio Studiorum*; a reforma protestante; a reforma industrial, a revolução francesa, o iluminismo, o movimento escola nova (DUSSEL; CARUSO, 2003), e mais recente, no Brasil, o surgimento da Lei de Diretrizes e Bases e a propagação das escolas militares.

De forma sistematizada, ao recorrermos ao contexto histórico, todo esse movimento de consolidação da sala de aula, assim como das estratégias de governar, isto é, dirigir e controlar as pessoas, podem ser melhor organizados em quatro modelos: modelo dos jesuítas; modelo mútuo; modelo simultâneo e modelo global (DUSSEL; CARUSO, 2003). Estes modelos não surgiram de forma independente e nem consecutivamente, mas pela necessidade de atender a determinadas exigências sociais, políticas e econômicas. Assim, em um mesmo espaço temporal, existiram vários modelos, muitos carregavam elementos de outros já existentes, que ao longo do tempo foram se modificando, alguns se consolidaram e outros se extinguíram. A seguir, fundamentados em Dussel e Caruso (2003) apresentamos as principais características de cada modelo:

a) Modelo dos jesuítas: possuía práticas centralizada no indivíduo, a fim de manter o poderio sobre o corpo e a alma, garantido a obediência e o domínio das ações dos indivíduos. O ensino era baseado em conteúdos literários clássicos, o latim, o grego e a religião. Não havia sala de aula dividida por classes/séries, pois o objetivo principal era formar para a ordem sacerdotal. A

sala de aula jesuítica continha cerca de 200 a 300 alunos e, para auxiliar no processo de controle e condutas e da aprendizagem, foi criada a figura do monitor. Outras novidades foram a introdução de notas escolares e a utilização das mesmas como incentivo à competição.

b) Modelo mútuo: Começou a ser usado por volta do início do século 19, tendo como iniciador Joseph Lancaster (Londres/Inglaterra/ 1778-1838). Entre suas características está a ênfase nas conquistas individuais, a implantação de um sistema de castigos e recompensas, e a utilização dos alunos auxiliares para manter o controle da turma. A sala de aula geralmente era um salão grande e cheio de alunos, organizados em fileira de dez pessoas, sendo o último sempre o monitor. O professor ficava a frente, sobre um tablado, o que facilitava o poderio de todos os movimentos em sala de aula.

c) Modelo simultâneo: Teve como momento de auge os anos 1830 (século 19) e como principais representantes, Samuel Wilderspin (Londres, Inglaterra/ 1791-1866), David Stow (Escócia, Reino Unido/ 1793-1864) e William Meston (Escócia, Reino Unido/ 1688-1745). Já entre as contribuições estão: uma postura mais ativa em relação aos pais, estabelecendo regras e/ou obrigações aos mesmos, determinação de um tipo de autoridade menos brutal e mais sutil, introdução do pátio de recreação (inicialmente como espaço de avaliação do comportamento das crianças), o surgimento das perguntas do tipo elipse e, um sistema de ordenar a participação grupal, em que o aluno que fosse capaz de responder o questionamento do professor, devia levantar ou fazer algum sinal com a mão.

d) Modelo global: surge com o modelo dos jesuítas, no século 15, incorpora diversos movimentos dos séculos 16, 17, 18, 19 e 20, por conseguinte, é o método mais presente nas escolas do século 21. As figuras de maior destaque foram Jan Amos Comênio (Nivnitz, Morávia – República Tcheca/ 1592-1670), com o lançamento da obra Didática Magna, ele utilizava a figura dos monitores, mas não queria que a autoridade centralizada do professor se diluísse. Juan Bautista de La Salle (França, 1651-1719), que defendia práticas que garantiam o silêncio em sala de aula, para que fosse possível detectar condutas transgressoras e que o professor tivesse controle sobre quem falava e sobre qual assunto. Rodolfo Senet (Argentina/ 1872-1938) com a regulamentação de horários de entrada e saída da escola, toque de campainha antes de iniciar as aulas, formação de filas. A partir do século 20, destacou-se o movimento do escolanovismo, defendendo, entre outros, a necessidade de considerar a experiência dos alunos, a implantação do trabalho em grupo e a idealização de materiais didáticos.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Pressupondo que o Estágio em Docência deva propiciar uma prática reflexiva e, que para tanto, todos os atores envolvidos (aluno/orientador/supervisor) devem manter um diálogo e desempenhar as funções de sua responsabilidade, evidenciamos neste trabalho os acontecimentos que caracterizam esse movimento. As atividades de regência ocorreram no decorrer do mês de novembro de 2018, contemplando a proposta do ciclo formativo para o Estágio em Docência, estabelecido em três etapas (Quadro 1).

Quadro 1. Etapas do planejamento.

1 ^a ETAPA	Foram desenvolvidas três aulas abordando os seguintes assuntos: modelos de organização do ensino: jesuítas, mútuo, simultâneo e global. Utilização de recursos como textos, vídeos e slides. Já entre as estratégias, houveram perguntas norteadoras, leitura compartilhada e atividade escrita.
2 ^a ETAPA	Foram desenvolvidas três aulas abordando os seguintes assuntos: modelos de organização do ensino: jesuítas, mútuo, simultâneo e global. Utilização de recursos como textos, vídeos e slides. Já entre as estratégias, houveram perguntas norteadoras, leitura compartilhada e atividade escrita.
3 ^a ETAPA	Discussão sobre as atividades realizadas, escrita de relatório com indicações das limitações e possibilidades de melhoria em uma futura abordagem dos conteúdos propostos.

Para coleta de dados, foram utilizadas nas Etapas 1 e 2, gravação em áudio e fotos, e na Etapa 3, anotações no caderno de campo. A seguir apresentamos as discussões para cada uma das fases destacadas anteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a) O planejamento - elaboração do plano de trabalho

Libâneo (1994) esclarece que o planejamento é o processo de sistematização e organização das ações do professor, se constituindo como etapa imprescindível da prática docente. Logo, o processo de planejamento da regência, ocorreu por meio de discussões com o orientador e a supervisora. Estas foram importante para repensar as estratégias propostas e antecipar as possíveis limitações. Reflete também, a interação entre os atores envolvidos no Estágio em Docência, evidenciando o papel do orientador e sua influência na formação do pós-graduando.

O Quadro 2 apresenta o planejamento das atividades realizadas durante o Estágio em Docência I, após as considerações do orientador e da supervisora.

O texto citado no Quadro acima, que seria disponibilizado aos alunos, continha no início 6 charges e 8 questões com o objetivo de orientar a leitura. Entre os filmes/documentários dos

quais foram selecionados pequenos trechos para apresentação na Aula 1 estão: Sociedade dos Poetas Mortos⁴, A voz do coração⁵ e “A Educação Proibida”⁶. Todos estes filmes foram assistidos previamente e editados com auxílio do *software* “VÍdeo Download Capture”⁷.

Quadro 2. Planejamento das atividades a serem realizadas na regência.

Aula	Recursos	Descrição
Antes da aula	Texto sobre a história da sala de aula	A partir do livro “A invenção da sala de aula: genealogia das formas de ensinar” (DUSSEL; CARUSO, 2003), foi produzido um texto de 8 folhas. Este apresenta os principais modelos de organização de sala de aula (jesuítas, mútuo, simultâneo e global), as influências ao surgimento destes modelos, e suas principais características. O texto seria disponibilizado previamente para que os alunos pudessem lê-lo.
1	TV, computador, caixa de som, texto	Início da aula com apresentação das charges e questionamentos propostos no início do texto. Apresentação de pequenos vídeos para emergir os características da sala de aula e estratégias de ensino em vários contextos históricos e, associação destas com os modelos de organização da sala de aula (jesuítas, mútuo, simultâneo e global) propostos pelo texto.
2	Texto impresso	Entregar aos alunos uma narrativa autobiográfica sobre vivências escolares. Solicitar a leitura silenciosa em dupla e que destaquem os principais elementos/fatos/acometimentos que se associavam aos modelos de condução da sala de aula estudados na aula anterior e aos modelos de formação docente (tecnicista, reflexivo, intelectual crítico). Em seguida, leitura compartilhada e apresentação dos fatos destacados.

Já a narrativa autobiográfica prevista para ser entregue na Aula 2, foi uma produção que relata as experiências da estagiária nas escolas em que cursou o primário, o ensino fundamental e o ensino médio. A construção desta narrativa constituiu para a mesma como um momento de repensar a estrutura escolar e, orientada pelas ideias propostas por Dussel e Caruso (2003), compreender de onde surgiram muitas das práticas que foram desenvolvidas pelos seus professores e que hoje são desenvolvidas por ela.

Consideramos que a escrita da narrativa foi salutar para a formação da estagiária, pois consistiu em um momento de conscientização de que as vivências escolares não são vivências aleatórias, mas possuem relação com o modelo de escola que é proposta e defendida por representantes do Estado, do mercado de trabalho, da denominada classe dominante. Bueno (2002, p. 22) discute sobre o potencial do método autobiográfico para a formação de professores e enfatiza que “a abordagem biográfica prioriza o papel do sujeito na sua formação, o que quer

⁴ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=EXw77BkVqyA&t=614s>>.

⁵ Disponível em: <http://www.supercinevip.com.br/filmes/musical/assistir-a-voz-do-coracao-filme-completo-dublado-online.php>.

⁶ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=t8z0VkuEt6o>>.

⁷ Disponível em: <<https://www.apowersoft.com/video-download-capture.html>>.

dizer que a própria pessoa se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar”.

b) O desenvolvimento da prática

As aulas de regência ocorreram no dia 12, 19 e 21 de novembro. Embora no planejamento apresentado pelo Quadro 1 a proposta fosse dois encontros, houve a necessidade de estender para três, a fim de contemplar todo o conteúdo proposto.

a) Aula 1 e Aula 2

Iniciou-se a aula apresentando os objetivos da aula, que foram respectivamente: a) Compreender como a sala de aula se constituiu historicamente como um espaço disciplinador, e b) Indicar os modelos de organização/condução da sala de aula e suas principais características. Em seguida, perguntou-se quem havia feito a leitura do texto, e apenas três alunos mencionaram que sim. Para incentivar a participação dos alunos começou-se com a seguinte questão: **“Quais as principais características (organização, mobiliários, relação professor-aluno, aluno-aluno, estratégias de condução do ensino) da sala de aula de educação básica pública nos dias atuais?”**, obtive respostas como:

Aluno 1. Em relação a organização da sala... então, geralmente são fileiras, a mesa do professor no canto da sala perto da parede, ou as vezes, no centro... em alguns casos os professores faziam mapa da sala para organizar os alunos por ordem de chamada, ou as vezes, os que tinham alguma observação como separar as conversas... o mobiliário geralmente são as carteiras para os alunos, a do professor e, na escola que eu estudei também tinha aquele armário com material do Ciência em Foco, mas que nunca foi usado.

Guiadas por essa e outras falas, apresentou-se questões como: Por que na maioria das escolas as carteiras são organizadas em filas? Esses mobiliários, como cadeira individual, mesas, quadro, será que sempre existiram? Será que essas formas de organização têm uma origem, historicamente falando? E para continuar com esta etapa de problematização e incitar curiosidades, foi projetado com auxílio do notebook uma tela dos slides utilizados na aula e que sinaliza os principais acontecimentos que influenciaram os atuais modelos de sala de aula. A seguir, projetou-se as charges presentes no texto, junto as questões que ajudavam a refletir sobre o conteúdo esboçado por elas.

Dentre os assuntos, o que teve maior envolvimento dos alunos, estavam os representados pela charges, por exemplo, quais os condicionantes influenciaram a organização espacial da sala de aula, quando surgiu a presença dos monitores e como era o trabalho desenvolvido por eles, como surgiu o pátio de recreação e qual era sua função e, de onde vem o hábito de levantarmos a mão para fazer um comentário em sala de aula. No entanto, quando

chegou a fase mais sistematizada do conteúdo, isto é, de vincular as ações apresentadas pelas charges aos modelos, sejam o dos jesuítas, o mútuo, o simultâneo e/ou global, alguns alunos se mostraram dispersos. Além disso, os pequenos trechos de filmes intercalados durante a aula, auxiliou no resgate da atenção desses alunos para o assunto em estudo.

Para concluir o conteúdo relacionado aos modelos de organização de sala de aula, foi apresentado o questionamento de número 8 presente no texto: “Alguns dos aspectos apresentados pelas charges ou pelo texto se aproxima das ideias defendidas pelo projeto de lei Escola sem Partido e os projetos de militarização das escolas públicas?”, e acrescentou-se: “Alguém aqui já estudou em escola militar? Como era?”. Um aluno manifestou que sim, e contou um pouco da sua rotina.

Adiante, falaram sobre o aumento do número das escolas militares no Brasil, principalmente no estado de Goiás, implantadas com o discurso de aumentar a segurança nas escolas e, às críticas em relação à homogeneização dos indivíduos, com a imposição de parâmetros organizacionais rígidos e verticalizados. Para o debate foi apresentado o trecho da reportagem intitulada “Número de escolas públicas ‘militarizadas’ no país cresce sob o pretexto de ‘enquadrar’ os alunos”⁸:

Considerando este e os outros debates ocorridos, acreditamos que a aula contribuiu para suscitar nos alunos uma reflexão sobre a condução do espaço escolar e suas interferências na nossa forma de pensar e agir. Para finalizar essa discussão, apresentou-se o clipe da música “Another Brick in the Wall”⁹ da banda Pink Floyd. O clipe se passa em um ambiente escolar e retrata as formas opressoras de um professor tratar seus alunos e sua forma de ensinar, fundamentada no método de repetição. Além disso, as cenas retratam a escola como espaço de castigos, de regras, de obediência e de disciplina, cujo pensamento autônomo é suprimido dos alunos, o que vai ao encontro das discussões promovidas pelo estudo dos modelos dos jesuítas, mútuo e simultâneo. O vídeo é de 6 minutos e apresenta legenda em português.

Na segunda parte da aula, foi entregue aos alunos uma cópia da narrativa autobiográfica intitulada “Memórias de uma jovem estudante”. Solicitou-se que os mesmos em dupla, fizessem a leitura e destacassem os fatos/acontecimentos/formas de agir do professor e, que quando conseguissem, associassem à algum dos modelos de organização de sala de aula e, aos modelos de formação de professores.

Aula 3: Discutindo a narrativa autobiográfica

⁸ Disponível em: < <https://epoca.globo.com/numero-de-escolas-publicas-militarizadas-no-pais-cresce-sob-pretexto-de-enquadrar-os-alunos-22904768>>

⁹ Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=YR5ApYxkU-U>>.

Antes do horário da aula, foi realizada uma breve leitura das anotações dos alunos, a fim de identificar as partes em destaque e quais os sentidos eles haviam atribuídos as diferentes passagens do texto. Das sete duplas, 4 textos continham muitas anotações e destaques, com as associações esperadas e três textos possuíam um número menor, evidenciando aspectos mais relacionados ao modelo global e ao modelo de formação tecnicista.

Durante a aula, as discussões foram intermediadas pela leitura compartilhada, o que permitiu observar que alguns fatos a maioria das duplas haviam destacado, como os trechos indicados abaixo:

Parágrafo 1: ... Lá parecia uma vila, e tinha uma escola **onde todos os alunos ficavam na mesma classe**, eu só lembro que fazíamos desenhos e que quando peguei o boletim eu tinha a nota regular.

Parágrafo 2: ... Algumas tarefas eram passadas no quadro, a professora fazia a **leitura e nos repetíamos**. Ah, sempre no início da aula ficávamos todos de pé, **fazíamos a oração do pai nosso**, depois nos sentávamos e a professora iniciava a frequência.

Parágrafo 5. Quando fui cursar o ginásio, fui transferida para uma escola do estado que ficava mais longe da minha casa, e eu tinha que acordar mais cedo, pois as 7h batia o sino de entrada, e ninguém podia chegar atrasado. Lembro que tinham três salas de 5ª série, que eram as 5ª série A, B e C. **Na turma C só tinham alunos bagunceiros, ninguém queria ficar naquela sala**.

Os trechos em negrito foram os destacados por todas as duplas e o sublinhado foi comentado por algumas. No caso dos trechos dos parágrafos 1 e 2, eles associaram as práticas originadas do método dos jesuítas, o que vai ao encontro do estudo realizado nas aulas 1 e 2. Discutiu-se que até o século XVI, as escolas não tinham a organização que conhecemos atualmente, por classes, idades. Todos os alunos ficavam em um mesmo salão, muitos se sentavam no chão, não havia mobília adequada, pois a função do ensino era formar para a ordem sacerdotal. Só mais tarde, por volta do século XVIII surge a divisão por classes, em que as crianças eram separadas por nível de conhecimento (DUSSEL; CARUSO, 2003).

Já os trechos do parágrafo 5, o em negrito e o sublinhado, foram ressaltado pelas duplas, sendo o primeiro associado ao método mútuo e o segundo ao global. É necessário sinalizar que o “sino” era muito utilizado pelo professor no modelo mútuo como forma de chamar a atenção e dar ordem aos alunos e aos monitores. O principal representante do método, Joseph Lancaster era também rigoroso com os horários, premiando a pontualidade e enviando para casa os que chegavam atrasados. Já o método global, foi associado ao fato de ter horário determinado para entrada na sala e também o fato dos alunos serem organizados e separados de acordo com o seu rendimento.

Para finalizar a aula foi perguntado aos alunos quais dos fatos presentes na narrativa se aproximavam das vivências escolares deles, quais se distanciavam e se eles já tinham refletido sobre os possíveis elementos que contribuíram para que a sala de aula e o ensino tenham as características atuais. Eles relataram nunca ter pensado à respeito, porque no geral, todas as escolas são assim, logo, a organização mais comum é tomada como uma forma natural, mas que o assunto do texto chamou atenção para estes aspectos.

c) A reflexão sobre a prática

O Estágio em Docência I possibilitou primeiro o estudo sobre um assunto pouco discutido nos cursos de licenciatura, que se refere ao espaço de atuação do professor, sobretudo, espaço em que a maioria das pessoas passam grande parte de sua vida: a sala de aula. O planejamento das atividades fomentou primeiro a aprendizagem da estagiária acerca do tema, o entendimento de como o contexto histórico, econômico, político tem influenciado nas formas de conduzir o ensino e nas formas como os professores, muitas vezes inconscientemente, desejam que seus alunos se comportem.

No que tange ao planejamento e execução da regência, alguns pontos devem ser ressaltados para um próximo desenvolvimento do tema. Por exemplo, reservar um espaço no início da aula para os alunos fazerem a leitura prévia do texto e, não abordar todos os modelos de organização de sala de aula (jesuítas, mútuo, simultâneo e global) em uma mesma aula, a fim de conseguir uma abordagem mais ampla e menos cansativa do assunto.

Quanto as estratégias que se destacaram é possível citar, as charges e as questões iniciais apresentadas no texto, pois estimularam participação dos alunos. Além disso, os trechos dos filmes utilizados no decorrer da Aula 1 e o clipe apresentado na Aula 2, contribuiu para fomentar as discussões e resgatou a atenção dos alunos em diversos momentos.

A narrativa autobiográfica atuou como um instrumento para mensurar os conhecimentos apropriados pelos alunos e se mostrou eficiente, considerando-se os seguintes aspectos: a) como ela se tratava das vivências da estagiária, percebeu-se que os alunos ficaram interessados na leitura, não se tornando uma atividade com caráter obrigatório; b) a linguagem simplificada tanto facilitou a interpretação como aproximou os alunos da mensagem transmitida; c) o texto em que os alunos podiam destacar os aspectos que relativos as discussões das Aulas 1 e 2 e, posterior associação aos modelos de organização de sala de aula/formação docente, apresentou características de uma atividade aberta. Portanto, permitiu identificar uma grande quantidade de conhecimentos apropriados. Por outro lado, estima-se que a aplicação de uma atividade com perguntas específicas não possibilitaria o mesmo resultado.

Por fim, consideramos que o assunto explorado nas aulas contribuiu tanto para a estagiária, quanto para os alunos repensar as formas de conduzir e conceber a função da sala de aula. Além disso, a participação do orientador e supervisor no processo de Estágio em Docência foram salutaras para que reflexões sobre a prática e indicam a preocupação dos mesmos de que o Estágio não seja uma atividade de segundo plano na pós-graduação, mas que deve ser realizado na perspectiva de contribuir com o processo formativo do pós-graduando.

REFERÊNCIAS

- BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, v.28, n.1, p.11-30, 2002.
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Circular n.º 028/99/PR/CAPES*. Brasília, 1999.
- CONTRERAS, J. *A Autonomia de Professores*. Trad. Sandra Tabucco Valenzuela. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012, 327p.
- DUSSEL, I.; CARUSO, M. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de pensar*. São Paulo: Moderna, 2003, 255p.
- HOFMANN, M. B.; DELIZOICOV, D. *Estágio de Docência: espaço formativo do docente do ensino superior na área de Ciências da Natureza*. In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis-SC, 2017.
- JOAQUIM, N. F.; BOAS, A. A. V.; CARRIEIR, A. P. Estágio docente: formação profissional, preparação para o ensino ou docência em caráter precário? *Educação e Pesquisa*, v.39, n.2, p.351-365, 2013.
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 21ªed. São Paulo: Cortez, 1994.
- PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.) *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 7ªed. São Paulo: Cortez, 2012.
- SANT'ANNA, F. M.; ENRICONE, D.; ANDRÉ, L. C.; TURRA, C. M. G. *Planejamento de Ensino e Avaliação*. 11ª ed. Porto Alegre: Sagra, 1986.
- SCHÖN, D. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- VIEIRA, R. A. *Docência Universitária e formação pós-graduada: o estágio de docência na Revista Brasileira de Pós-Graduação*. In: II Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação e IV Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente, Curitiba-Paraná, 2013.
- VIEIRA, R. A.; MACIEL, L. S. B. Estágio e Docência prescrito pela CAPES: Tensões e Desafios. *Quaestio*, v.12, p.47-64, 2010.